

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

MÓDULO I . NIETZSCHE

MARCOS BECCARI / DANIEL B. PORTUGAL

CADERNO DO CURSO . 2014



FILOSOFIA DO DESIGN
CURSOS





FILOSOFIA DO DESIGN
CURSOS

Este curso é uma iniciativa do site Filosofia do Design, um espaço virtual que busca promover um diálogo entre o campo do design e a tradição filosófica, incluindo suas derivações nas ciências humanas e sociais.

Conheça nosso site e acompanhe nossas reflexões:
<http://filosofiadodesign.com/>

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

MÓDULO I . NIETZSCHE

A chamada “Filosofia Contemporânea”, geralmente compreendida entre os anos sessenta e o final do século XX, refere-se a um conjunto de experiências intelectuais muitas vezes reduzidas a sintomas de um relativismo generalizado e impulsos anti-modernistas. Na contramão de tal julgamento, o curso visa fornecer um panorama introdutório acerca do pensamento filosófico contemporâneo. O primeiro módulo foca-se na apresentação de Friedrich Nietzsche (1844-1900), um pensador cujas questões e digressões reflexivas “inauguraram” em larga medida a Filosofia Contemporânea.

DURAÇÃO

4 aulas de 2h00. Total: 8h.

AVALIAÇÃO

Presença mínima em 75% das aulas p/ obtenção de certificado.

PROGRAMA

Aula 1. Filosofando com o martelo.

Aula 2. Nietzsche e a linguagem.

Aula 3. O eterno retorno.

Aula 4. A vontade de potência.

PROFESSOR EM CURITIBA-PR

Marcos Beccari: Doutorando em Educação na USP, designer gráfico e mestre em Design pela UFPR. Interessa-se por Filosofia, Psicologia e Comunicação, o que o levou a pesquisar sobre Filosofia do Design e a encarar o design como articulação simbólica na mediação ficcional entre o sujeito e o real. Além de atuar como professor e pesquisador, coordena o blog Filosofia do Design, integra o podcast AntiCast e colabora com outros blogs/revistas de design e comunicação.

PROFESSOR NO RIO DE JANEIRO-RJ

Daniel B. Portugal: Doutorando em Comunicação e Cultura na UFRJ, mestre em Comunicação e Práticas de Consumo pela ESPM-SP e designer gráfico pela UFRJ. Reflete e pesquisa sobre temas relacionados a: consumo, comunicação, ética, estética, teoria da imagem, cultura visual e design. Acredita em um design com potência estética e simbólica: um design que se preocupe com as aparências e que seja profundo por superficialidade. Atualmente é professor substituto no curso de Comunicação Visual / Design da UFRJ. Atua também como colunista e coordenador auxiliar do blog Filosofia do Design.

AULA 1

FILOSOFANDO COM O MARTELO

“Como filosofar com o martelo” é o subtítulo de um dos últimos livros de Nietzsche, o *Crepúsculo dos ídolos*. O martelo seria a arma necessária para quebrar os ídolos – ou, como Nietzsche propõe em seguida, para fazê-los ressoar com pequenas batidas, mostrando que são ocios. Os ídolos ocios em questão são esses grandes ideais que nos emparedam em uma visão de mundo estreita e negadora da vida: Deus, Verdade, Razão, Bem. São, enfim, alguns dos ideais construídos pela grande tradição da filosofia ocidental, de Platão a Kant.

Para se compreender a proposta filosófica de Nietzsche, é necessário, então, familiarizar-se, mesmo que de maneira esquemática, com alguns pontos centrais de tal tradição filosófica. Esta aula será dedicada, assim, a uma apresentação comparativa introdutória de algumas das principais ideias desses três gigantes da filosofia: Platão, Kant e Nietzsche. O primeiro pode ser visto como o grande arquiteto da metafísica, com sua teoria de um mundo ideal, eterno e imutável, no qual se poderia acessar a essência das coisas imperfeitas que existem neste mundo em que vivemos. O segundo é o grande nome que marca o início da ruptura com a metafísica. A razão humana, antes vista como a nossa parte divina, que permitia acesso ao mundo das essências ou a Deus, passa a ser encarada por Kant como uma faculdade humana que não pode dar acesso a nada para além do homem, ou ao que ele chama de Coisa em si. Por fim, Nietzsche, o grande mestre da suspeita, realizará críticas mais radicais da metafísica e de seus resquícios, como as noções de universalidade, de dever moral e de verdade.

Referências introdutórias:

- PORTUGAL, D. B. *Sobre Sócrates e alces*. In: MIZANZUK, I.; PORTUGAL, D. B.; BECCARI, M. **Existe Design?: indagações filosóficas em três vozes**. Teresópolis: 2ab, 2013.
- FERRY, L. *O humanismo ou o nascimento da filosofia moderna*. In: _____. **Aprender a viver: filosofia para os novos tempos**.
- NÃO OBSTANTE #1. *A filosofia morreu?*. Disponível em: <https://soundcloud.com/anticastdesign/naoobstante01>.
- CHEVITARESE, L. *Um mundo sem finalidade e que não segue uma ordem moral*. Conferência para o CPFL Cultura, 2011. Disponível em: <http://vimeo.com/31048865>.

Referências de base:

- ALMEIDA, R. *Artifício e Natureza: a multiplicidade dos modos de existência*. In: ALMEIDA, R.; PAGOTTO-EUZEPIO, M. S. (orgs.). **Sobre a Ideia do Humano**. São Paulo, Képos, 2012, p. 73-87.
- KANT. *Crítica da razão pura*.
- MACHADO, R. *Zaratustra: tragédia nietzschiana*.
- PLATÃO. *A república*.
- NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos*.

AULA 2

NIETZSCHE E A LINGUAGEM

O que as novas disciplinas que surgem no século XX (psicanálise, antropologia, linguística, filosofia analítica etc.) têm em comum é o interesse pelo *significado*. Em que consiste? O que o torna possível? Como funciona? Vimos em nossa primeira aula que, para Nietzsche, qualquer princípio que seja proposto como verdade subjacente e coerente para os diversos fatos da aparência é idealista – seja na forma de essência, de “coisa em si” ou de teleologia (propósito). Não há verdade subjacente atrás das aparências. Os valores e ideias precisam ser afirmados; não existem “noutro lugar” como pensava Platão, nem “neles próprios” como pensava Kant.

Nesta aula, observaremos como Nietzsche responde à questão do significado com o argumento de que os conceitos formulados como instrumentos de análise do real tendem a uma fixação não apenas do real, mas também da linguagem que lhe atribui significado, correndo o risco de trocar (“fixar”) um pela outra. Enquanto grande parte da tradição filosófica é *representacional*, isto é, baseada na separação entre a verdade do conceito (essência, princípio, imperativo etc.) e a “identidade” que a representa, Nietzsche é resolutamente antidialético e suspeito a todas as identidades. Uma vez que o mundo aparente é o único mundo que existe, não há unidade alguma entre as coisas, apenas diferenças. Dentre outras implicações, não há mais a questão do “Ser”, só há a questão do *sentido* de ser. Assim, o clássico problema filosófico de como saber se o sentido das palavras se refere a objetos da realidade aparece em Nietzsche como um falso problema. Afinal, o sentido de uma expressão é o *modo* como ela se refere à realidade, de modo que o sentido da realidade em si é sua própria aparência.

Referências introdutórias:

- BECCARI, M. *Esboço da compreensão involuntária da incompreensão*. In: **Filosofia do design** [website]. Disponível em: <http://filosofiadodesign.com/esboco-da-compreensao-involuntaria-da-incompreensao/>.
- NÃO OBSTANTE #2. *Do imaginário ao trágico*. Disponível em: <https://soundcloud.com/anticastdesign/n-o-obstante-2-do-imagin-rio>.
- MOSÉ, V.; MARTINS, A. *Por quê repensar a linguagem pode ser a maior das revoluções? Nietzsche e a grande política da linguagem*. Conferência para o CPFL Cultura, 2009. Disponível em: <http://www.cpfcultura.com.br/wp/2009/03/31/por-que-repensar-a-linguagem-pode-ser-a-maior-das-revolucoes-nietzsche-e-a-grande-politica-da-linguagem-viviane-mose/>.

Referências de base:

- ALMEIDA, R. *Considerações sobre as bases de uma filosofia trágica*.
- BECCARI, M.; PORTUGAL, D. B. *Da imagem do real para o real da imagem: por um elogio das aparências*.
- MACHADO, R. *Nietzsche e a verdade*.
- MOSÉ, V. *Nietzsche e a grande política da linguagem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- NIETZSCHE, F. *A verdade e a mentira no sentido extra-moral*.
- _____. *Genealogia da moral*.
- ROSSET, C. *O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão*.

AULA 3

O ETERNO RETORNO

Ao reabilitar a autonomia da noção de “aparência”, Nietzsche insistia num aspecto simples e imediato: o mundo, não importa o quanto tentamos adequá-lo a uma ideia, permanece não fixável. É neste sentido que Nietzsche propõe a hipótese do eterno retorno: não como um tratado cosmológico, mas como mera suposição acerca do retorno indistinto dos prazeres e sofrimentos, incidindo diretamente sobre a disposição afetiva que nutrimos pela vida. Estaríamos aptos a aprová-la até aqui e amá-la como tal? Ou ela seria o mais pesado dos pesos, a maior das torturas? O que avalia a ideia de retorno é a intensidade respectiva de alegria e de tristeza, cuja “eterna confirmação e chancela” tal hipótese autoriza em definitivo.

A questão fundamental a ser feita aqui é: eterno retorno significa um ciclo em que tudo retorna, em que uma mesma coisa retorna ou em que tudo retorna a uma mesma coisa? Questão fundamental justamente porque, como veremos, não acerta em nada. Como o mundo não tem objetivo, ele permanece em um fluxo contínuo cuja diferenciação, como um lance de dados, é a única coisa que se repete. Tudo se perde por definitivo à medida que também retorna numa “repetição diferencial”. Com efeito, *Em busca do tempo perdido* de Proust é a história de uma perda, mas também de uma “redescoberta” a partir da qual a própria história tem de ser reconstruída, reinventada e reafirmada. Trata-se, pois, de uma repetição precisa que nada tem a ver com um círculo vicioso: querer fazer retornar o próprio *querer* em relação ao que já temos e sentimos – nos termos de Nietzsche (*Para além do bem e do mal*, § 56), “[o] mais exuberante, mais vivo e mais afirmador do mundo, que não só aprendeu a se resignar e suportar tudo o que existiu e é, mas deseja tê-lo novamente, tal como existiu e é, por toda a eternidade, gritando incessantemente ‘da capo’ [do início]”.

Referências introdutórias:

- BECCARI, M. *Do tempo que passa como caminhar sem chão*. In: **Filosofia do design** [website]. Disponível em: <http://filosofiadodesign.com/do-tempo-que-passa-como-caminhar-sem-chao/>.
- BECCARI, M. *A conquista do irremediável ou por que ser é o que se perde*. In: **Filosofia do design** [website]. Disponível em: <http://filosofiadodesign.com/a-conquista-do-irremediavel/>.
- MACHADO, R. *A alegria e o trágico em Nietzsche*. Conferência para o CPFL Cultura, 2009. Disponível em: <http://youtu.be/-1Z13Akx4Pk>.

Referências de base:

- ALMEIDA, R.; FERREIRA-SANTOS, M. *Eterno retorno*. In: _____. **Aproximações ao imaginário: bússola de investigação poética**.
- DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*.
- FORNAZARI, S. K. *Deleuze e o tempo como eterno retorno: Hamlet e o espectro de Bergson*. In: ALMEIDA, R.; PAGOTTO-EUZEPIO, M. S. (orgs.). **Sobre a Ideia do Humano**. São Paulo, Képos, 2012, p. 73-87.
- KUNDERA, M. *A insustentável leveza do ser*. [Capítulo 1]
- MACHADO, R. *Nietzsche e a repetição da diferença*. In: _____. **Deleuze, a arte e a filosofia**.
- NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*.
- ROSSET, C. *O trágico de repetição*. In: _____. **Lógica do pior**.
- SCHÖPKE, R. *Nietzsche e o eterno retorno*. In: _____. **Por uma filosofia da diferença**.

AULA 4

A VONTADE DE POTÊNCIA

A noção de eterno retorno é, como vimos, indissociável de uma afirmação incondicional da vida, isto é, tanto do seu “lado bom” (desejável ao retorno) quanto do seu “lado ruim” (negado, mas que também retorna). Não é apenas uma forma pensamento, mas antes de tudo um modo de ser: o de aprovar uma existência fadada a desaparecer. Por sua vez, a vontade de potência é a sensibilidade extrema em relação a tal existência, amor incondicional ao destino de viver para morrer. Consiste não apenas na destruição e reavaliação de valores, mas sobretudo na criação de novos valores mediante o reconhecimento de que a vida não é tributária a nenhum valor – ao contrário, é com o próprio viver, enquanto disposição estética, que podemos fazer da vida “obra de arte”.

Deste modo, Nietzsche postula toda uma conduta trágica acerca da primazia do existir (como ação) com relação à própria existência (como ideia). Exemplo emblemático é o conhecido enunciado nietzschiano de que, para viver a vida, é preciso não acreditar demasiado nela – a vontade de viver, bem como a afirmação da diferença, é mais importante que qualquer princípio claro, estável e unificado do que significa a vida. Não há razão de pensar que os modos de existência tenham necessidade de valores transcendentais que os comparariam, os selecionariam e decidiriam que um é “melhor” do que o outro. Ao contrário, só há critérios imanentes: uma possibilidade de existência se avalia em si mesma pelas interpretações que ela conjuga e pelas intensidades que ela cria. Longe de reduzir a vida humana a um “impulso de autopreservação”, ideia esta que Nietzsche considera redutora e homogeneizante, trata-se da difícil tarefa de aderir ao que é, sem reserva alguma nem ressalva possível ou desejável.

Referências introdutórias:

- BECCARI, M. *Gestaltungsaufgabe ou de como não esgotar aquilo que é só isso*. In: **Filosofia do design** [website]. Disponível em: <http://filosofiadodesign.com/gestaltungsaufgabe/>.
- BECCARI, M. *Orações ao alcance de um duvidar a céu aberto*. In: **Filosofia do design** [website]. Disponível em: <http://filosofiadodesign.com/oracoes-a-ceu-aberto/>.
- MARTINS, A. *Um mundo onde conhecer é criar e afetar-se melhor*. Conferência para o CPFL Cultura, 2011. Disponível em: <http://vimeo.com/30815110>
- WALLACE, D. F. *This is water*. Discurso proferido em maio de 2005 no Kenyon College. Disponível em: http://youtu.be/TzFNh2_dSBg.

Referências de base:

- ALMEIDA, R. *Aprendizagem de desaprender: Machado de Assis e a pedagogia da escolha*. Educação e Pesquisa, v. 39, n. 4, 2013.
- DIAS, R. *Nietzsche, vida como obra de arte*.
- LARROSA, J. *Nietzsche e a educação*.
- MARTINS, A. (org.). *O mais potente dos afetos: Spinoza e Nietzsche*.
- NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal*.
- ROSSET, C. *Alegria: a força maior*.
- SLOTERDIJK, P. *You must change your life*.